

A CONSTRUÇÃO DA MONSTRUOSIDADE EM *BARBA AZUL*, DE CHARLES PERRAULT, E *BARBAZUL*, DE ANABELLA LÓPEZ

THE CONSTRUCTION OF MONSTROSITY IN CHARLES PERRAULT'S *BLUE BEARD* AND ANABELLA LÓPEZ'S *BARBAZUL*

Recebido: 27/07/2023 Aprovado: 23/10/2023 Publicado: 26/03/2024

DOI: 10.18817/rlj.v8i1.3432

Mara Vanessa Brito Nery¹

Paula Fabrisia Fontinele de Sá²

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0000-9984-1595>

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral analisar a construção da monstruosidade em *Barba Azul*, de Charles Perrault, e *Barbazul*, de Anabella López, visando mostrar como o autor francês apresentou a monstruosidade do protagonista e da história para o cenário infantil do século XVII e, no mesmo caminho de análise, como a argentina Anabella López apresenta a mesma temática para o leitor contemporâneo. A metodologia utilizada foi a análise documental e a revisão crítico-literária já produzida sobre o tema. Para isso, discute-se sobre a natureza do monstro e sua representação nos contos escolhidos a partir dos estudos de Foucault (2002), Nazário (1998) entre outros, mostrando que a monstruosidade representada em Perrault revela a realidade autoritária do patriarcalismo do século XVII e, em contrapartida, López permite ao leitor contemporâneo refletir o horror e a barbárie desse conto de fadas por meios intertextuais, criando um texto sincrético que ressignifica o conto de Perrault, em especial, pelo projeto gráfico. Este estudo aponta a importância e a atualização dos contos de fadas para os leitores de todas as épocas e lugares, permitindo ao leitor criança e/ou jovem acessar essas reflexões de forma simbólica.

Palavras-chave: Monstruosidade. Representação. Contos de fadas. Literatura infantojuvenil.

Abstract: The general aim of this work is to analyze the construction of monstrosity in Charles Perrault's *Bluebeard* and Anabella López's *Barbazul*, in order to show how the French author presented the monstrosity of the protagonist and the story to the 17th century children's world and, in the same vein, how the Argentine Anabella López presents the same theme to the contemporary reader. The methodology used was documentary analysis and a critical-literary review of the literature already produced on the subject. To this end, the nature of the monster and its representation in the chosen tales is discussed on the basis of studies by Foucault (2002), Nazário (1998) and others, showing that the monstrosity represented in Perrault reveals the authoritarian reality of seventeenth-century patriarchy and, in contrast, López allows the contemporary reader to reflect the horror and barbarity of this fairy tale through intertextual means, creating a syncretic text that re-signifies Perrault's tale, especially through its graphic design. This study points to the importance and relevance of fairy tales for readers of all times and places, allowing the child and/or young reader to access these reflections in a symbolic way.

¹ Graduada em Letras – UFPI. E-mail: maravanessaaluna@gmail.com

² Possui graduação em Letras Português e Francês pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Mestrado em Letras pela mesma instituição (2012) e Doutorado (2019) em Literatura e práticas sociais pela Universidade de Brasília (UnB). Trabalhou como professora na Educação a distância da Universidade Estadual do Piauí, em Teresina, PI, como professora de Língua francesa na UnB idiomas, em Brasília - DF e como professora substituta de Literatura de línguas portuguesas na Coordenação de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Piauí. Atualmente, trabalha como Revisora pedagógica no Educandário Santa Maria Goretti (ESMG) e professora no Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), da UFPI. Tem experiência na área de Letras, especializando-se em Literatura, Leitura e Ensino, com ênfase em Literatura brasileira, francesa, polonesa, infantil/infantojuvenil brasileira e francesa e nas relações entre Literatura e História. Atua também como vice-líder do grupo de pesquisa do CNPq "Leitura, Literatura e Ensino", promovido pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Autora do livro "Literatura infantojuvenil" (2013) e organizadora da obra "Quando se lê a literatura infantil e juvenil: o que se lê? Como se lê?" (2019). E-mail: paulafabrisia@hotmail.com

Keywords: Monstrosity. Representation. Fairy tales. Children's literature.

Introdução

A literatura é uma arte que provoca e inquieta os leitores. Em suas histórias, ela é capaz de explorar os mais belos e grotescos temas, espaços e personagens a fim de seduzir o leitor e, por vezes, chocá-lo. Quando a literatura é produzida para crianças e jovens, a presença dos monstros/monstruosidade é assídua, pois corporifica o perigoso e o horrível na experiência humana, o que permite aos leitores em formação refletir sobre a vida diante da representação da criatura má.

Assim sendo, a figura do monstro, no contexto literário, sobretudo o infantojuvenil, tem sido objeto de interesse de muitos leitores e estudiosos, visto que, por meio da sua representação, o homem encontra-se diante do Outro, da curiosidade e das peculiaridades físicas e morais que identificam tais seres. A monstruosidade pode ser representada pela literatura de muitas maneiras, como afirma Foucault (2002), assim, por vezes, temos as características físicas sendo ressaltadas, diferenciando-se do que a sociedade de cada época entende como “normal” e “comum”; por outro lado, temos a construção do monstro acontecendo nos comportamentos perversos dos personagens que se aproximam da realidade empírica.

Os contos de fadas são territórios para a representação de monstros e monstruosidades, pois são obras que exploram o maravilhoso ao mesmo tempo que produzem reflexos da realidade. No século XVII, mais precisamente em 1697, quando o autor francês Charles Perrault publicou a obra *Histoires ou contes du temps passé*³, os leitores ocidentais conheceram o conto *Barbe Bleue*, em português *Barba Azul*. Uma das histórias mais conhecidas no ocidente sobre um ser grotesco e monstruoso representado na literatura para crianças.

Barba Azul é o terceiro conto dessa coleção de Charles Perrault, destacado como escritor francês responsável por perpetuar em livros histórias que antes se davam por transmissão oral. Trata-se da história de um homem muito rico e monstruoso fisicamente e em caráter. Sobre ele, o narrador de Perrault destaca a sua fisionomia grotesca, pois tinha um corpo descrito como grande e com uma estranha

³ *Histórias ou contos do tempo passado.*

barba azul. Além disso, o protagonista era viúvo de muitas esposas, o que mexia com o imaginário dos outros personagens sobre a morte dessas mulheres.

Após 300 anos, a história de Barba Azul foi recriada pela argentina Anabella López. Por meio da publicação de *Barbazul* (2017), a autora e ilustradora apresenta uma repaginação e delineamentos atuais sobre a história desse personagem, destacando, pois, um projeto gráfico que corporifica visualmente para o leitor infantojuvenil a monstruosidade e a desumanização do protagonista. O texto é apresentado de um modo atual, ressignificando o seu final. Além disso, as ilustrações são inovadoras, simbólicas e oníricas, com cores expressivas que constroem o mistério do texto, um espaço sombrio que estimula o leitor em seu processo de alfabetização visual.

Em face dessas obras, este estudo tem como objetivo analisar a construção da monstruosidade em *Barba Azul*, de Charles Perrault, e *Barbazul*, de Anabella López, apontando como a monstruosidade do protagonista e da história foram representadas para os leitores infantojuvenis dos séculos XVII e XXI. Com este estudo, foi possível não só evidenciar as diferenças das obras e enaltecer o que cada uma traz de reflexão em sua respectiva época, como mostrar a importância e a atualização dos contos de fadas para os leitores de todas as épocas e lugares. São histórias simples que abordam temáticas humanas profundas, como a da monstruosidade da categoria Homem, o que o desumaniza, permitindo ao leitor criança e/ou jovem acessar essas reflexões de forma simbólica.

2 Barba azul e Barbazul: a monstruosidade e suas transformações

Barba Azul, de Charles Perrault, como já dissemos, foi publicado na França, em 1697. Conta a história de um homem extremamente rico e repleto de bens, possuía “belas casas na cidade e no campo, baixelas de ouro e de prata, móveis ornamentados e carruagens inteiramente douradas” (Perrault, 2015, p. 1). Apesar das inúmeras riquezas, ele não era um pretendente cobiçado no contexto da obra, pois há algo em seu corpo que o torna diferente dos outros homens comuns. Ele possui uma barba azul e isso o deixa diferente, grotesco e, diríamos, visto como feio, a ponto de nenhuma mulher sentir o menor desejo de aproximar-se dele. “A barba o fazia parecer tão feio e assustador que as moças fugiam quando se deparavam com ele” (Perrault, 2015, p. 1).

Barba Azul, por ser tão feio, foi associado a um medo inato, instintivo, irracional, pulsional, compulsivo, perante qualquer coisa ou fenômeno desconhecido, tido invariavelmente como ameaçador. Sales (2018) afirma que, o termo feio foi e é o nome genérico posto a tudo o que não se conhece, que nos é estranho, que não nos é habitual, que não nos é familiar. Feio é, nessa perspectiva, a expressão axiológica mais primária e imediata que resulta da fobia persistente perante o novo, o inédito, como tal frequentemente nomeados.

A origem de sua barba azul não é descrita no conto, fazendo o leitor imaginar que se trata de uma anomalia. Mostra-se, portanto, mesmo que sem muitas características, a construção da monstruosidade teratológica, aquela que, conforme Oliveira (2012), está ligada à desfiguração do corpo. No século XVII, uma anomalia o colocava na categoria dos anormais, dito por Foucault (2002).

A segunda representação da monstruosidade que aparece em Perrault é a do monstro humano. Conforme Oliveira (2012), o monstro pode também ser representado na literatura pela pessoa que é cruel, excessivamente má. Assim, segundo o autor citado, são considerados monstruosos atos dotados de uma crueldade excessiva, como o crime de um marido que mata a esposa. Esse imaginário é construído desde o início do conto, em que o narrador antecipa que as mulheres não queriam se aproximar de Barba Azul porque sobre ele pairava a informação de que suas mulheres haviam desaparecido.

No entanto, o diferente quer ser aceito e o monstro humano se torna o desviante no texto. Assim, o personagem Barba Azul usa de artimanhas para envolver as figuras femininas representadas no conto. Em uma época de pobreza, na França do século XVII, ele seduz as mulheres com suas riquezas e consegue desposar a filha caçula de sua vizinha: “Eram passeios, caçadas e pescarias, danças e festas, comidas finas: as pessoas quase não dormiam e passavam toda a noite fazendo brincadeiras uns com os outros. [...] Assim que retornaram à cidade, o casamento foi concluído” (Perrault, 2015, p. 2).

Barba Azul consegue o que tinha em mente. Uma das filhas da vizinha aceita casar com “esse bom partido”. “Enfim, tudo ia tão bem que a caçula começou a achar que o dono da casa não tinha a barba tão azul assim e que era um homem muito honesto (Perrault, 2015, p. 4). Barba Azul e seus “descendentes”, ao se casar, exigem obediência e subserviência à esposa, exibindo um comportamento autoritário,

opressor, cruel. É “o homem que seduz mulheres e, de maneira misteriosa e com intenções também misteriosas, as mata” (Jung, 2006 p. 46).

Na figura do protagonista, podemos encontrar, portanto, o “predador da psique feminina”. Entende-se que se apresenta uma relação em que sempre se é simultaneamente predador e presa, já que a predação resulta de uma reação que ocorre entre criaturas munidas de dependência e desejo. É uma teoria sobre agência, troca, consumo e poder. A mulher aceita casar com um homem sem amor, devido a suas riquezas, por consequência, nessa relação de dependência, ele a domina.

O comportamento predatório de Barba Azul antecipa o que hoje conhecemos como um serial killer. Um serial killer experiencia várias fases psicológicas: Fase áurea - começa a perder a compreensão da realidade; Fase da pesca - procura a vítima ideal; Fase do namoro - seduz e engana a vítima; Fase da captura - a vítima cai na armadilha; Fase do totem - o auge da emoção; Fase da depressão - depois do assassinio. Após o assassino entrar em depressão, todo este processo recomeça (Almeida; Madrid, 2016).

A violência surge neste conto desde o seu início. Barba Azul era temido por todos os que o rodeavam. Surge como uma personagem conflituosa, ameaçadora, insidiosa e que não desiste até atingir os seus intentos. Neste caso: casar novamente. A sua determinação é revelada no momento em que convidou os vizinhos para a sua casa. Barba Azul foi lhes mostrando as suas riquezas, procurando apresentar-se como alguém de confiança pelo sucesso atingido. Finalmente conseguiu o seu objetivo. O comportamento predatório e aliciador de Barba Azul é, portanto, inegável.

Quase todas estas fases, ditas por Almeida e Madrid (2016), encontram-se no conto, o que parece contrariar a imagem de Barba Azul como simplesmente um homem brutal que se chateia com a desobediência de sua mulher. É possível observar a demarcação da sua psicopatia a partir do reconhecimento do desprezo e a insensibilidade pelos outros que resulta nos assassinatos em série. Após a desobediência da esposa, que descumpriu a sua ordem de não abrir o quarto proibido, o narrador conta sobre o desespero da figura feminina diante da morte, da dureza e da insensibilidade de Barba Azul:

Ela se lançou aos pés de seu marido, chorando e pedindo perdão, com todos os sinais de um verdadeiro arrependimento por não ter sido obediente. Ela teria enternecido uma pedra, bela e aflita como estava, mas Barba Azul tinha o coração mais duro que o de uma pedra. – Você deve morrer, senhora – disse-lhe ele – e imediatamente (Perrault, 2015, p. 7).

Como vimos, a monstruosidade aparece não só no crime, mas na descoberta dos assassinatos e isso provoca uma violência psicológica na personagem esposa, que implora pela vida. A crueldade é construída também na ameaça iminente, mesmo antes da descoberta. Já na saída de sua casa com apenas um mês de casado, Barba Azul cria um cenário de tensão e curiosidade ao indicar que havia um quarto em que a esposa não poderia entrar. Ao desobedecer o marido, a personagem terá como consequência a morte.

Quando chegou à porta do gabinete, ela parou por um tempo, pensando na proibição que seu marido lhe havia feito e considerando o que lhe poderia acontecer por ser desobediente, mas a tentação era tão forte, que não podia suportar. Então, ela pegou a pequena chave e abriu, trêmula, a porta do quarto. Inicialmente não viu nada, porque as janelas estavam fechadas. Depois de alguns momentos, ela começou a ver que o chão estava todo coberto de sangue coagulado e que neste sangue se refletiam os corpos de muitas mulheres mortas e penduradas ao longo das paredes – eram todas as mulheres com as quais Barba Azul havia se casado e que tinham sido degoladas uma após a outra (Perrault, 2015, p. 13).

A leitura junguiana, feita por Knapp (2003), foca na simbologia da barba azul que pode remeter à frieza e à morte e constitui-se como um sinal palpável daquilo que ele quer esconder. Nesse referencial, Barba Azul seria, simultaneamente, misógino, incapaz de confiar em uma mulher, e fóbico, o que explica a sua compulsão por domínio; ele mata uma mulher atrás da outra para provar que tem poder (Knapp, 2003, p. 97). Essa obsessão por domínio também está presente em leituras que veem o Barba Azul como um sádico (Brindgwater, 2013, p. 239).

Além dessa monstruosidade ligada ao caráter, entendemos que o texto constrói também o monstro mitológico, visto que temos nesse conto a simbologia do ogro imperando. Embora toda época e grupo social possuam medos específicos, alguns são tão dinâmicos que fazem parte do imaginário universal. O mal – o canibalismo em momentos de miséria, a loucura, o abuso moral e sexual etc. – foi, geralmente, representado pela figura mítica do ogro, um ser meio humano e meio animal ou divindade (Bouloumié, 2000, p. 756). Assim sendo, por se tratar de um conto de fadas que explora o universo maravilhoso, a monstruosidade é construída em Perrault também pelas criaturas que povoam o imaginário popular, no caso, a figura do ogro.

Os ogros eram apresentados como gigantes, com a cabeça muito maior que a do homem, ou como seres com chifres e pele esverdeada. Com a personalidade impulsiva e raivosa, não eram seres sociáveis, viviam isolados em pântanos ou

florestas. Além disso, eram temíveis pela sua alimentação, uma vez que preferiam comer carne de homens e crianças (aparentemente a carne humana era mais abundante que a dos outros animais), algo moralmente errado para a sociedade (Nunes, 2020).

O personagem Barba Azul pode ser associado, simbolicamente, à figura mitológica do ogro. De acordo com Chevallier e Gheerbrant (2021), o ogro representa uma fúria, impulso cego de devorador, liga-se à simbologia de monstro, que engole a vítima, que deve sair desfigurada, ligando-se ao tempo e à morte. O ogro é uma categoria de monstro que extrapola na forma ou no comportamento, é uma criatura que, por vezes, encarna o demoníaco.

Os ogros se tornam figuras bestiais pelo apetite e pela aparência. Representam os instintos mais baixos e podem aparecer na literatura como lobos que atacam meninas indefesas, ou pais que desejam as filhas, ou mulheres que querem resgatar a beleza perdida. Temas, pois, que aparecem em muitos contos de fadas (Cardoso; De Oliveira, 2017).

A presença do mal nos contos de fadas tradicionais é, conforme Chiari (2020), muito importante porque cumpre a função de fazer a criança aprender, simbolicamente, que o mal tem suas consequências. Encarar o mal, tendo sido ele apresentado de uma forma direta e marcante, ajuda o leitor a interiorizar a ideia de que as dificuldades da vida são assustadoras, impactantes e intensas e, dessa forma, encará-las é tão difícil quanto necessário como condição da existência humana.

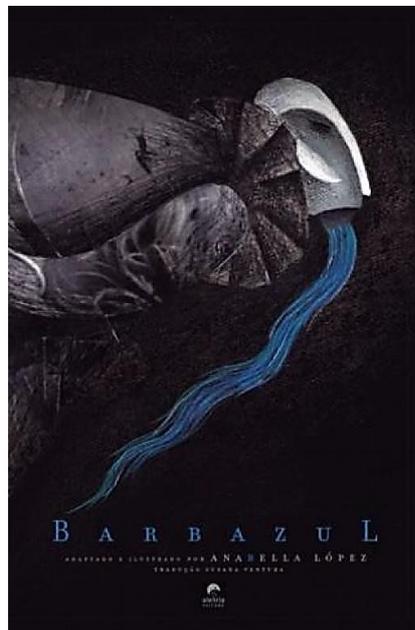
Por fim, Barba Azul é assassinado pelos irmãos da esposa, pois seu comportamento criminoso, monstruoso, deve ser punido. Ele pode até ser compreendido como o ogro e a criança não ligá-lo ao mundo real, à maldade do mundo real. No entanto, independentemente da interpretação, a representação da monstruosidade no texto revela que os contos de fadas não descrevem o mundo de acordo com a simples realidade objetiva. Mas sim, através de sua riqueza simbólica, por isso eles continuam sendo lidos e revisitados.

Já a obra *Barbazul*, de Anabella López, é uma adaptação, publicada em 2017, que proporciona um encontro artístico e literário com o clássico *Barba Azul*. A obra de López apresenta um texto verbal cuja essência é a mesma da obra original. Em

contrapartida, as ilustrações imperam nesse texto sincrético⁴ e são a inovação proposta por López para se contar e repensar velhas histórias de maneira atual.

Desde a capa, a autora brinca com o imaginário do leitor, promovendo curiosidade e questionamentos: “será que é a mesma história”? A imagem apresentada na capa traz uma figura disforme, não parece se tratar de uma figura humana, o que permite imaginar que o personagem principal não é um homem. Além disso, outra mudança de impacto aparece no título, vê-se a aglutinação do nome *Barbazul*, podendo o leitor inferir que é uma adaptação cujo personagem central é outra figura, um bicho-homem, por exemplo (ver figura 1).

Figura 1 – Capa da obra *Barbazul*

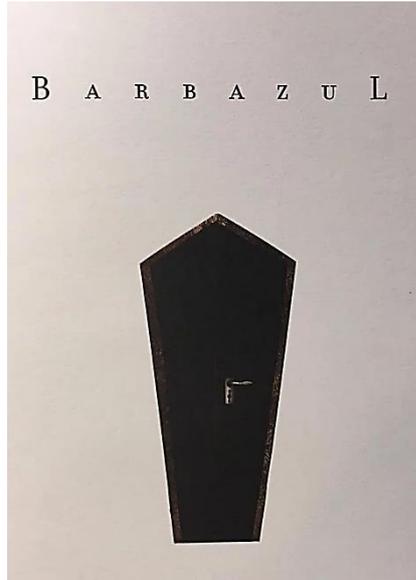


Fonte: López, 2017.

Como se viu exemplificado pela figura 1, independentemente se é ou não um homem, a estranha barba azul continua marcando espaço nessa história. A simbologia do azul, presente desde a capa do livro, provoca uma sensação de frio e, ao mesmo tempo, vazio, pois pouco se vê além dessa cor. Assim sendo, a monstruosidade nessa obra é construída, em particular, pelo projeto gráfico. Ao folhear as primeiras páginas, o leitor depara-se com a imagem de uma porta em formato de caixão (ver figura 2), é assim que a escritora/ilustradora convida o leitor para entrar em uma história que contém morte.

Figura 2 - A porta que o leitor entrará

⁴ Texto que unifica linguagens diferentes, como palavras e imagens.



FONTE: López, 2017, p. 6

Segundo Chevalier e Gheerbrant (2021, p. 855), a porta simboliza a passagem de um estado para outro: do conhecido para o desconhecido, é uma abertura para o mistério, um convite para desvendá-lo. Ao adentrar a história, via essa porta, o narrador demarca a obscuridade que o leitor conhecerá. Ele diz:

Há muito tempo, em uma **época obscura** da história, existiu um homem que tudo possuía. Sua riqueza era imensa e todos os seus desejos eram realizados. Sua única maldição era a sua barba azul. Essa situação o tornava tão único e tão diferente naquele lugar, que ninguém chegava perto dele (López, 2017, p. 8, grifo nosso).

Barbazul é, então, a corporificação da escuridão e da barbárie que é apresentada na história tradicional. A monstruosidade, de início, vai sendo construída pela sedução perigosa em torno da figura feminina, pois ele também, nesse texto, deseja desposar alguma das filhas da vizinha. Ele consegue, pois envolve sua presa com as suas riquezas, porém, no texto de López não fica claro que a esposa conhecia o passado do personagem. Aparentemente, a rejeição inicial era apenas pela barba, vista como maldição.

O ambiente em que se passa a narrativa é o palácio do protagonista. As imagens mostram que lá é escuro, preto, com alguns toques de azul, como se em todo o espaço a presença de seu dono pudesse ser sentida (ver figura 3).

Figura 3 – O castelo



Fonte: López, 2017, p. 11-12.

Ao nos atentarmos às ilustrações da obra em estudo, a atmosfera do conto tradicional se altera, pois, a cada página, sentimentos como o medo e curiosidade tornam-se mais presentes, provocando uma outra experiência com uma história antiga. O preto se destaca. Para Chevalier e Gheerbrant (2021, p. 817), essa cor é, simbolicamente, compreendida sob seu aspecto frio e negativo, sendo associada às trevas primordiais, um estado de morte, pois é a cor do luto.

A escolha do projeto gráfico mostra ao leitor que ele está em uma atmosfera onírica. As cores e a disposição das páginas colaboraram para a construção de um cenário não realista. Tem-se a distorção das formas arquitetônicas, a deformação dos corpos e a expressão dos rostos que se articulam na tentativa de delinear a experiência do horror.

No conto tradicional, a monstrosidade do protagonista aparece no seu aspecto físico, com a sua barba azul, bem como no aspecto psicológico, de homem predador e assassino. Em *Barbazul*, a representação é ampliada, assim, além das características do conto tradicional, a imagem pictórica mostra um Barbazul inumano, cujo rosto, que mais parece uma máscara, traz uma barba que volteia como uma serpente, envolvendo a vítima para depois lhe dar o bote fatal, simbolizando-o para o leitor, dessa forma, como sedutor e assassino (ver figura 4).

Figura 4– Barbazul seduzindo a esposa



FONTE: López, 2017, p.

29-30.

Cumprе relembrar o que diz Nazário (1998, p. 20) ao falar sobre monstros. Segundo esse estudioso, de forma intencional, o monstro arre pia, cativa, deslumbra ou hipnotiza suas vítimas antes de puni-las. É o que acontece aqui na obra em discussão. Além disso, a fisionomia de Barbazul é rígida, como afirma Chiari (2020), é uma figura que não revela emoções, o que corrobora com o seu caráter frio e cruel, assim como a ideia de uma figura inumana. Em contraponto ao seu corpo rígido, a sua barba azul sugere movimento sinuoso, empreendendo sedução, como dito antes, realçada à essa cor que se sobrepõe. Ele é grande, grotesco e mistura-se ao espaço do texto (ver figura 5), oprimindo tanto as vítimas como a escritura.

Figura 5 – O colossal Barbazul

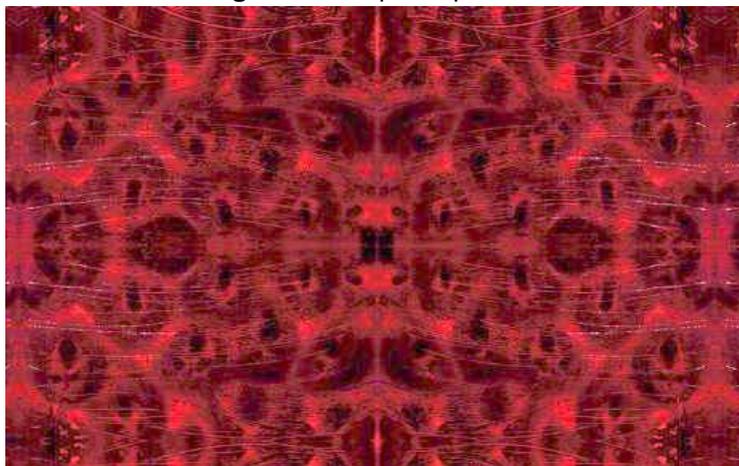


FONTE: López, 2017, p. 26-27.

Um diferencial da obra de López é que a esposa parece ter se apaixonado pelo protagonista, pois ficou fascinada pelo que ele era capaz de proporcionar para ela e, aparentemente, desconhece a situação das ex esposas. Eles se casam, Barbazul viaja e impõe: “Só de uma coisa a proíbo: não entre no quarto do último andar do palácio. Confio e sei que você respeitará a minha proibição.” (López, 2017, p. 14-15). “Ela prometeu obedecer beijando amorosamente seus lábios e abraçando-o com ternura”. (López, 2017, p. 17).

Porém, a esposa, também aqui “dominada pela curiosidade, não hesita e subiu as antiquíssimas escadas” (López, 2017, p. 18). A visão do quarto proibido (figura 6) está em página dupla e apresenta, pela primeira vez, a presença do vermelho no livro. O leitor se choca pela mudança drástica da cor, mas, observando bem a imagem, os rostos e as bocas abertas formam um caleidoscópio de morte e agonia e, apesar de no texto, na sequência, está escrito que no quarto estão os corpos pendurados das antigas esposas do Barbazul no teto, apenas a representação das expressões já é o suficiente para assustar e provocar horror diante da cena.

Figura 6 – O quarto proibido



FONTE: López, 2017, p. 20-21.

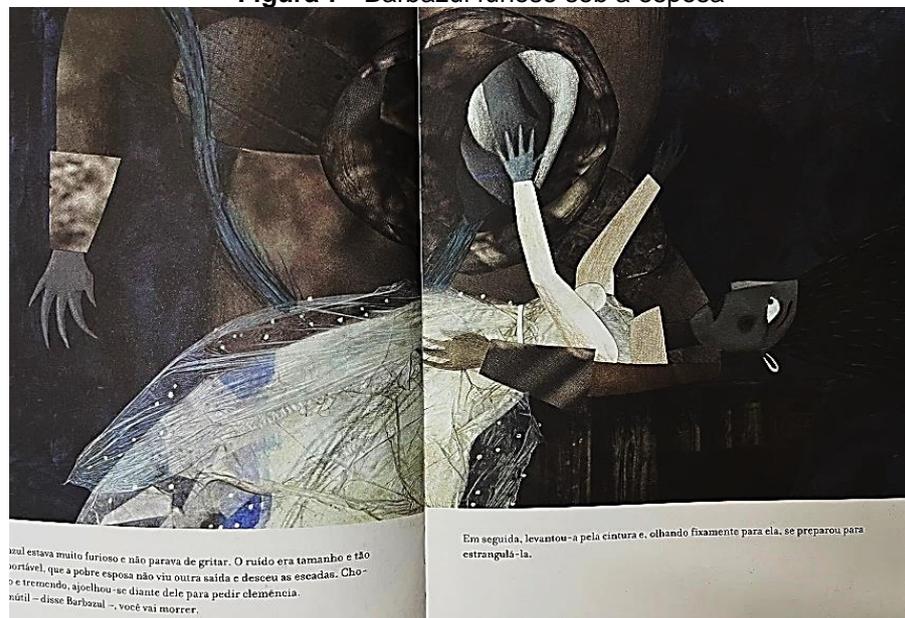
O vermelho, então, invade o olhar e a leitura do leitor, que, assim como a esposa, se choca com tanta brutalidade. Como afirma Chevalier e Gheerbrant (2021, p. 1031), “parece que o vermelho perpetuamente é o lugar da batalha – ou da dialética – entre céu e inferno”. A presença desse vermelho abre espaço para o medo artístico. De acordo com França (2011, p. 3), “monstruosidades são elementos fundamentais para a produção do medo artístico”, pois, no caso em questão, ela provoca uma reação à imagem e à violência representada, explorando com isso fenômenos psicológicos e humanos, como o pavor, o medo, o horror.

Nesse ínterim, temos o medo, tido como a mais primordial das sensações humanas sendo evocado. O medo, segundo Delumeau (2009), sempre garantiu a nossa sobrevivência, pois protege dos perigos aos quais fatalmente se exporia se não fosse por essa emoção. Se ela não tivesse ido ao quarto proibido, jamais saberiam quem é Barbazul.

Na figura 7, a seguir, a ilustradora representa Barbazul furioso por sua esposa ter desobedecido a sua ordem e aberto a porta proibida. “Barbazul estava furioso e não parava de gritar. O ruído era tamanho e tão insuportável, [...] a pobre esposa [...] chorando e tremendo, ajoelhou-se diante dele para pedir clemência” (López, 2017, p. 29). O texto verbal mostra o desespero da personagem feminina que recebe, por meio de gritos e fúria, a ira do outro. Já o texto imagético apresenta a violência da cena de forma ainda mais chocante, em que o corpo imponente do protagonista imobiliza a mulher e o medo também é evocado aqui.

Barbazul, mostrando o quanto a sua figura é colossal e ondulante, configura-se como monstruoso e selvagem (ver figura7).

Figura 7– Barbazul furioso sob a esposa



FONTE: López, 2017, p. 29-30.

O protagonista de López apresenta traços monstruosos de caráter, materializando, dessa forma, o mal na obra. O tema da monstruosidade, que denota o mal no texto, aponta sempre para uma representação de crise. Assim, a presença de monstros na literatura.

Nos perguntam como percebemos o mundo e nos interpelam sobre como temos representado mal aquilo que tentamos situar. Eles nos pedem para reavaliarmos nossos pressupostos culturais sobre raça, gênero, sexualidade e nossa percepção da diferença, nossa tolerância relativamente à sua expressão. Eles nos perguntam por que os criamos (Cohen, 2000, p. 55).

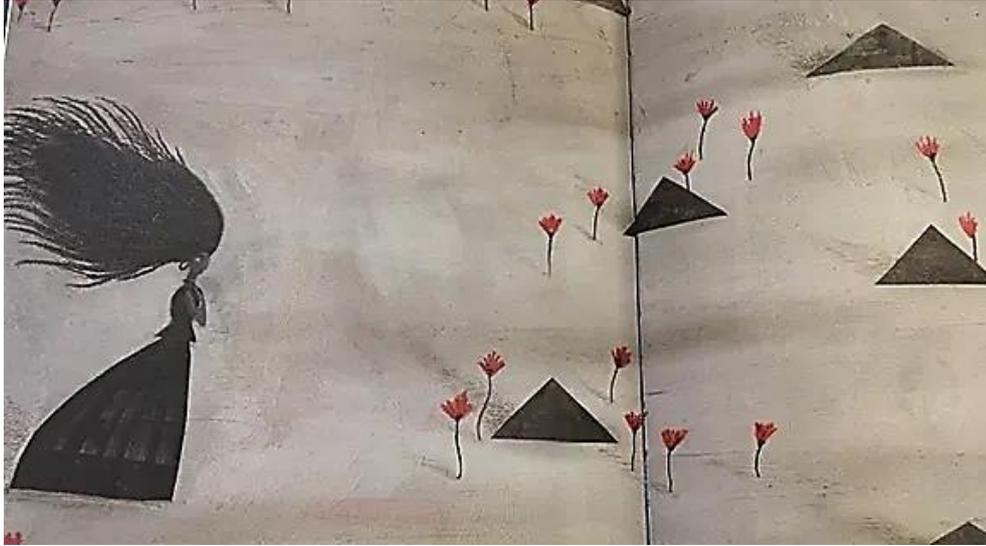
López criou esse monstro e retomou essa história, certamente, para homenagear as mulheres vítimas de feminicídio no mundo, mostrando que não há justificativas para tamanha barbárie. A autora materializa em imagens a profundidade da história contada por Perrault e circulada em todo ocidente, fazendo com os leitores criança, jovem e adulto entendam que Barba Azul diz sempre mais do que intencionou Perrault.

O monstruoso dessa narrativa é revelado, pois, ao longo de toda a construção do texto sincrético. O texto verbal é direto, sem rodeios, e o texto visual brinca com o imaginário do leitor. Barbazul é humano ou é um bicho? Ou um bicho-humano? Barbazul é a corporificação da escuridão e do poder patriarcal dominador e insaciável. Segundo López (2017, p. 39), nas páginas finais do livro em estudo:

Barbazul é uma história muito forte que desde sempre me atraiu enormemente. O mistério que envolve os personagens, os signos que vão aparecendo no meio da história, o jogo de mostrar e esconder ao mesmo tempo dentro do castelo, por trás daquela barba ... Uma chave, uma mulher, uma porta, um segredo. Muito limitante e reduzido seria pensar Barbazul só como um livro para crianças ou só como um livro para adultos. Simplesmente ele é um livro para todos. Um conto de sabedoria antiga, que vai na profundidade de cada um de nós e nos faz refletir sobre nossos próprios medos, segredos, poderes e limites.

Na reescritura de López, há uma imposição do feminino caracterizado como uma figura que pode construir uma história diferente da que se espera. A alteração é perceptível ao se observar o desfecho no conto, tem uma nova circunstância, na passagem em que a esposa de Barbazul, em um gesto de manifesto pelas mulheres assassinadas pela personagem, busca em seu jardim um local para sepultá-las (Carneiro et al, 2021), o que se vê na figura 8.

Figura 8 - Representação da viúva enterrando os corpos das outras esposas



FONTE: López, 2017, p. 37-38.

A obra é, pois, um convite para se ler uma desconstrução e interrupção de padrões sociais consolidados por séculos, convidando ao leitor refletir sobre a posição feminina na sociedade e a violência sofrida pela mulher que, mesmo quando não enxerga, pode estar cercada pela monstruosidade do outro.

Considerações finais

As duas obras analisadas exemplificam uma mudança de perspectiva e de proposta de tradução de literatura para criança. Como se sabe, a sociedade europeia do século XVII, época de publicação do conto *Barba Azul*, de Charles Perrault, era patriarcal. Logo, os valores perpassados pelo conto focavam, em especial, em educar meninas e mulheres.

Em *Barba Azul*, Perrault constrói uma figura masculina como um ser que dita as regras, já a figura feminina é representada como desobediente que cede à curiosidade, “um frívolo prazer”, como Perrault diz em sua moral, e, por esse motivo, coloca-se em risco. Nesse conto, a desobediência poderia resultar na morte, mas não acontece porque outras figuras masculinas intercedem. No conto de Perrault, o texto verbal tem muita força e as imagens aparecem apenas como ilustrações da história. A monstruosidade é construída, sobretudo, pelo texto verbal que traz as características físicas e psicológicas de Barba Azul. Como vimos, a barba na cor azul já denotava o ar incomum daquele homem. A barba assustava as mulheres. Como disse o narrador, ela o deixava feio e terrível. Assim, o aspecto físico vai marcando

aos poucos o preconceito pela diferença e como essa diferença era associada ao caráter. A monstrosidade, conforme esse aspecto, é explorada na representação das atitudes do personagem, visto que ele seduz e ludibria a esposa para, posteriormente, matá-la.

Barbazul (2017), de Anabella López, também apresenta a mesma história, com diferenças sutis no texto verbal, mas que não modificam a essência da narrativa. Para o leitor criança e jovem do século XXI, na era da imagem, as ilustrações produzem a transgressão e a atualidade do texto, mostrando que embora seja uma obra que, aparentemente, conta a história de um homem, na verdade, é a figura feminina que impera no texto imagético. A personagem feminina domina as ilustrações, aparecendo em mais páginas do que o próprio personagem Barbazul.

Ao longo da obra, fica claro para o leitor que o foco da adaptação é a figura feminina. Trata-se da história de uma mulher que se casou com um ser estranho, monstruoso, imageticamente não humano, que tentou matá-la, mas a sua curiosidade e esperteza a salvou. Assim, ela homenageia quem não conseguiu se salvar do contato com seres/homens terríveis, produzindo reflexão sobre como as mulheres podem escapar de contextos de barbárie.

A figura feminina em *Barbazul* é facilmente identificada como humana, já Barbazul não. E a monstrosidade vai aparecendo no texto imagético desde a capa e tomando de conta de todos os espaços, ela está na construção física e psicológica dos personagens, nas ações e em todo o ambiente. O ser terrível protagonista não é humano, ou mesmo, a violência praticada faz o outro deixar de ser humano. Nesse texto, monstrosidade é representada tanto pela história, marcando o caráter do personagem *Barbazul*, trata-se de um assassino, como pela corporificação do projeto gráfico.

As cores escuras das páginas e a distorção na ilustração de *Barbazul* colaboram para a corporificação da escuridão e da barbárie no texto. Nesse cenário, o corpo de Barbazul é confuso e, por isso, ele parece não humano, permitindo ao leitor fazer inferências, comparações e animalizações. Ao mesmo tempo, a presença da escuridão e dessa deformação provocada por ela delinea a experiência do horror no texto, ou seja, provoca o medo daquilo que é apenas sugerido.

Falar de monstrosidade ao ler esses contos é mostrar que essa temática estará sempre presente nos contos de fadas, mesmo quando eles são atualizados, pois figuras monstruosas corporificam o perigoso e o horrível na experiência humana

e é sobre dificuldades e perigos que essa literatura para criança trata. A diferença acontecerá, pois, na forma lúdica e simbólica com que os escritores e ilustradores de cada época produzem o seu texto, a fim de seduzir o leitor criança que se modifica com o passar do tempo.

Por fim, acreditamos que ler e conhecer os contos de fadas tradicionais é sempre relevante para se pensar sobre os valores incutidos em nossas crianças por meio das primeiras literaturas que surgiram para esse público. Em contrapartida, comparar com as adaptações que surgem a cada ano e em diferentes lugares, mostra que esses contos trazem questionamentos humanos que continuam sendo objetos de reflexões mesmo no século XXI.

Referências

ALMEIDA, B. C.; MADRID, F.M. L. Serial Killers: um caso incurável. In.: **Etic-Encontro De Iniciação Científica**. v. 12, n. 12, 2016.

BOULOUMIÉ, A. O ogro na literatura. In: BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p.754-764.

BRINDGWATER, P. **The German Gothic novel in Anglo-German Perspective**. Amsterdam/New York: Rodopi, 2013.

CARDOSO, R.; DE OLIVEIRA, M. O ogro no espelho: Hanibal Lecter e o mito do homem selvagem. **Revista Criação & Crítica**, n. 18, p. 108-122, 2017.

CARNEIRO, G. A. et al. A resignificação do feminino na contemporaneidade em *Barbazul*, de Anabella López. **Revista de Letras - Juçara**, [S. l.], v. 5, n. 01, p. 417-430, 2021. DOI: 10.18817/rlj.v5i01.2584. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2584>. Acesso em: 11 fev.

COHEN, J. J. et al. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CHEVALLIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

CHIARI, G. A estética expressionista em *Barbazul*, de Anabella López. In.: CUNHA, Maria Zilda da; MICHELLI, Regina Michelli; SANTOS, Rita de Cássia Silva Dionísio. **O mal na narrativa para crianças e jovens**: olhares da literatura e do ensino. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

DELUMEAU, J. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2009.

FRANÇA, J. **As relações entre “Monstruosidade” e “Medo Estético”**: anotações para uma ontologia dos monstros na narrativa ficcional brasileira. 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0218-1.pdf>.

Acesso em 19 de março de 2023.

FOUCAULT, M. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JUNG, E. **Animus e anima**. São Paulo: Cultrix, 2006.

KNAPP, B. L. **French fairy tales: a Jungian approach**. Albany: State University of New York Press, 2003.

LÓPEZ, Anabella. **Barbazul**. Belo Horizonte: Aletria, 2017.

MARTINS, A. J. O estranho genético. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 20(4): 968-975, jul-ago, 2004.

NAZÁRIO, L. **Da natureza dos monstros**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

NUNES, L. F. **Transfiguração do medo como humanização**: De o Barba Azul a Chapeuzinho Amarelo. O mal na narrativa, p. 72, 2020.

OLIVEIRA, A. **Representações monstruosas em A paixão segundo G.H de Clarice Lispector**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

PERRAULT, C. **Barba azul**. Editora SESI-Serviço Social da Indústria, 2015.

PERRAULT, C.; FRÓES, L. **Contos da mãe gansa ou histórias do tempo antigo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SALES, J. L. **Considerações psicanalíticas acerca do racismo no Brasil**. 2018. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2018. Disponível em: <https://teopsic.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2021/06/TESE-Sales-J.L-05-10-18.pdf> Acesso em 20 de março de 2023.

SANTOS, N. P. Representação dos monstros e monstruosidades na literatura e no cinema: transformações em A terceira margem do rio. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 97-102, out./dez. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277119001_Representacao_dos_monstros_e_monstruosidades_na_literatura_e_no_cinema_transformacoes_em_A_terceira_margem_do_rio_de_Nelson_Pereira_dos_Santos/fulltext/559de7fc08aeb45d1715ddbc/Representacao-dos-monstros-e-monstruosidades-na-literatura-e-no-cinema-transformacoes-em-A-terceira-margem-do-rio-de-Nelson-Pereira-dos-Santos.pdf. Acesso em 20 de março de 2023.